

Implicações da técnica no pensamento comunicacional

Sandra Portella Montardo*

Resumo: O texto propõe a indicação das relações existentes entre a técnica e o pensamento comunicacional, no sentido de sinalizar as implicações inerentes a essa relação. E isso de tal forma que, a partir das idéias de Martin Heidegger sobre o tema, há um indicativo das abordagens possíveis da técnica por esse pensamento, através da ilustração de exemplos da pesquisa realizada em comunicação. No entanto, a implicação mais fundamental da técnica com o pensamento comunicacional parece dar-se pela problematização do objeto. Por esse motivo, o texto começa revelando alguns aspectos do pensamento comunicacional para logo encaminhar-se para a questão da técnica. Vale notar que a implicação referida diz respeito, também, às condições do próprio pensamento em nossa época, dada à emergência da cibercultura.

*Doutora pelo PPGCOM da PUCRS, Linha de Pesquisa Comunicação e Tecnologias do Imaginário (2004), fez Estágio de Doutorado na Paris V, Université René Descartes, Sorbonne (dezembro2003-junho2004), participou das sessões do GRETECH/CeaQ. Professora e pesquisadora do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário Feevale, em Novo Hamburgo, RS, pesquisadora do Grupo Comunicação e Cultura, filiado à mesma instituição.

É de conhecimento de todos interessados pelo campo de estudos da comunicação a incessante busca de um consenso sobre quais seriam as particularidades e o(s) objeto(s) da mesma, por exemplo. Um indicativo desse quadro é a quantidade de eventos nessa área destinados a pensar essa situação. A evidência deste tema é facilmente identificável entre os programas brasileiros de pós-graduação em comunicação social.¹

Da mesma maneira, o Seminário Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação, vinculado à COMPÓS, destina-se a reunir os pesquisadores da área, uma vez por ano, para que “discutam, a partir de temáticas específicas, os limites do campo, as metodologias de pesquisa, as temáticas de relevo e a construção de objetos de pesquisa”.²

¹O X COMPÓS (Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), realizado em Brasília, inclui, desde então, um grupo de trabalho denominado “Epistemologia da comunicação”. Este grupo de trabalho se propõe a tratar do campo, do objeto e do estatuto disciplinar da comunicação, visando contribuições metodológicas e epistemológicas para o mesmo. Essas informações foram retiradas do folder de divulgação do 11º COMPÓS, ECO, UFRJ, 2002, a ser realizado entre 04 e 07 de junho de 2002.

²Citação retirada do texto de referência do II Seminário Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação, intitulado “Objetos de pesquisa em comu-

O texto de referência do II Seminário Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação indica que as origens históricas da pesquisa em comunicação coincidem com a constituição do objeto acadêmico “comunicação”. Além disso, revela que a multiplicidade de estudiosos de diferentes áreas que se debruçam sobre o tema comunicação buscam abordar as questões comunicacionais de suas áreas de origem. No entanto, há, em seguida, uma ênfase de que o “comunicacional” deveria ser a questão central nos estudos em comunicação. Com isso, justifica-se, mais uma vez, conforme o texto, o interesse em construir a especificidade desse campo, sob pena de que o mesmo se dilua nos demais.

No entanto, o final do texto há uma declaração de que, propositadamente, não deve ser fixada a atenção dos pesquisadores no conceito de “objeto da comunicação”. Deve haver, isso sim, uma ênfase em “objetos da comunicação” para que sejam privilegiadas as diversas perspectivas centradas nas práticas desses pesquisadores.

Eduardo Neiva Jr., ao propor o delimitamento do campo específico dos estudos em comunicação, na sociedade moderna, já prefere o termo “objeto” a objetos de comunicação. O autor começa por fixar a diferença entre disciplina e objeto. “Disciplina é instrumento analítico que trata de um objeto e

nicação”, o qual, juntamente com o programa do evento, foi distribuído pela Internet. Entre os objetivos desse evento, está o de pensar temáticas relevantes quanto à atual configuração das problemáticas no campo da comunicação, em termos de pós-graduação, na busca do avanço dessas discussões na direção da solução das dificuldades nas pesquisas. A segunda edição deste evento foi realizada nos dias 29 e 30 de outubro de 2001, em Porto Alegre, teve como tema os objetos de pesquisa em comunicação.

com ele não pode ser confundido”(NEIVA Jr., 1991, p.203). Assim, o objeto final seria constante, enquanto que as disciplinas a tratar de um objeto determinado podem ser diferenciadas.

Nesses termos, o autor conclui que o objeto da comunicação existe e é poliforme. Em *Comunicação - teoria e prática social*, o autor expõe os atos comunicativos sob o ponto de vista sociológico, passando pelo filosófico, até que chega a uma interpretação lógica e matemática das mensagens.

Frente ao texto de referência do II Seminário Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação, os trabalhos escritos sobre o tema discorreram sobre os mais variados de seus aspectos. Desde aspectos institucionais e administrativos relativos ao campo, passando pelo ponto de vista semiótico. Também a prática jornalística, as novas tecnologias e a os paradigmas foram abordados com relação ao campo de estudos da comunicação.

No entanto, chama a atenção a substituição da questão do objeto da comunicação, pela de objetos da comunicação. Dessa forma, parece residir nessa relativização um importante ponto de reflexão que poderia deslocar-se da situação do pensamento comunicacional para as condições do próprio pensamento em nosso tempo.

Há também, entre os trabalhos apresentados neste evento, um texto que sugere esse ponto. Em “A desintegração historial do objeto *vis-a-vis* a emergência da cibercultura e do pensamento comunicacional”³, Fran-

³ Este texto foi revisado pelo autor e constituirá o capítulo “O objeto no pensamento comunicacional” do livro a ser publicado com o título de “Capítulos de Arqueologia Espiritual Pós-moderna”, ainda sem editora definida.

cisco Rüdiger questiona se a própria pergunta pelos objetos da comunicação “não esconde um a priori extemporâneo, na medida em que o crescente emprego da última expressão (comunicação) seria um indicador do virtual colapso ou acabamento da figura do objeto que presidiu a formação do pensamento ocidental nos últimos quatro séculos” (RÜDIGER, 2002, p. 73).

Nesses termos, o autor propõe que talvez devesse ser descartada até mesmo a pergunta pelo objeto no campo de estudos da comunicação. E isso porque, ao que tudo indica, fosse pertinente pensar a comunicação em termos de “um sumidouro ou buraco negro que traga todos os objetos; se não é esse espaço onde hoje está a se desfazer a referência moderna da figura do objeto” (RÜDIGER, 2002, p. 76). Ou seja, a comunicação poderia interessar mais sob a possibilidade de ser uma sinalizadora ou agenciadora, até, do processo de desintegração do objeto.

Quanto a isso, o autor afirma que “a tendência à tecnificação do componente metafísico da cultura afeta a maneira como esta se pensa e efetiva o conhecimento, determinando mudanças em seu processo epistêmico de posicionamento: o processo afeta a pretensão de que o saber constrói seu objeto” (RÜDIGER, 2002, p.93-94). Confirmada essa suspeita, supor-se-ia que já a figura do sujeito não pudesse ser mais determinável.

Tem-se, assim, a ameaça da perda do estatuto que definia pensamento moderno, enquanto as idéias formuladas a partir de e graças ao distanciamento formulado teoricamente entre sujeito e objeto. Conseqüentemente, observa-se que a desintegração do objeto significa desintegração do su-

jeito, uma vez que ambos conceitos sejam interdependentes.

O autor do texto ainda afirma que Heidegger teria proposto que a comunicação poderia ser um importante fator deste processo de desintegração mútua. Isso porque, conforme observara o filósofo alemão, havia uma tendência de cibernetização do mundo, na qual as relações entre o homem e o mundo seriam cada vez mais objetivadas, calculadas e controladas. Ao que se acrescenta:

O pensamento cibernético era para o filósofo expressão de um mundo no qual a relação dele para com o homem poderia assumir a forma de um controle cada vez mais total, porque exigido por esse homem, mas ao mesmo tempo em que esse homem começaria, por essa forma, a perder tal identidade objetiva, na medida em que sua representação preponderante é a do intercâmbio cada vez mais veloz de informações, a retroalimentação permanente e infundável dessas informações no contexto de um circuito ou rede de comunicações. (RÜDIGER, 2002, p. 94)

Frente a isso, então, Rüdiger acrescenta a importância de que se pergunte se a cibercultura não estaria materializando as abstrações de Heidegger.

Também entre os argumentos de Martino, a técnica ganha relevância quando relacionada ao campo de estudos da comunicação, ainda que partindo de uma abordagem diversa da anterior. Martino afirma que “a temática dos meios de comunicação é a única suficientemente abrangente para servir de fio condutor (...) que permitiria ao pesquisador

de comunicação atravessar os vários níveis de uma problemática complexa”.⁴

Nota-se a partir dos dois artigos citados anteriormente a associação da técnica com a comunicação. A primeira abordagem referida cita a cibernização do mundo, formulada teoricamente por Martin Heidegger, como sendo uma questão fundamental para a comunicação. A segunda, refere-se a esta temática pelo viés dos dispositivos tecnológicos e seus usos sociais materializados pelos meios de comunicação. Pode-se dizer com isso, que a questão da técnica foi referida com relação à comunicação de dois modos diferentes.

Frente a isso, vale que se pergunte o que é a técnica? Quais são as possibilidades de abordagem da mesma? De que forma ela se oferece ao pensamento? O que autoriza que a técnica seja relacionada à comunicação? Como essa possível relação pode contribuir para o pensamento sobre a comunicação?

No momento, entretanto, vale que se pergunte o que, a partir das proposições de Heidegger sobre a técnica, pode colaborar para o pensamento sobre os objetos de conhecimento e sua relação com a comunicação.

Em “A pergunta pela técnica”, de 1949, Heidegger começa propondo que só se pode ter uma relação livre com a técnica se se perguntar por sua essência a qual, adianta, não é técnica. O primeiro passo dado, nesse sentido, é apontar para o limite das definições instrumental e antropológica sobre a técnica, na medida em que se busca a sua essência.

⁴Martino foi citado por Antônio Fausto Neto in “A pesquisa vista ‘de dentro de casa’. Ou reflexões sobre algumas práticas de construção de objetos de pesquisa em comunicação”, apresentado no II Seminário Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação.

Assim, técnica como um meio para um fim (definição instrumental), bem como um fazer do homem (definição antropológica) são definições que se cooperencem. Afinal, “pôr fins, criar e usar meios para eles é um fazer do homem” (Heidegger, 1956, p. 9-10)⁵ Frente a isso, a constatação correta dessas definições não é verdadeira, visto que para tanto é preciso que se chegue a sua essência. No entanto, é a atribuição de correção da instrumentalidade da técnica pode dar via de acesso para a sua essência. Essa atribuição passa pela causalidade inerente à instrumentalidade da técnica.. Nos dois casos a técnica é uma instalação, um *instrumentum*. Sendo assim, tanto a técnica artesanal quanto a técnica moderna são meios para fins e não se diferenciam do ponto de vista instrumental.

Para os gregos, causa é diferente de atuar, obrar, efetuar, sendo considerada como ser responsável por algo. Ser responsável, aqui, é trazer algo à presença. “Esse trazer à presença é chamado por Platão de *poié-sis*, o ocasionar daquilo que avança da não-presença à presença” (Heidegger in LOPARIC, 1996, p. 127). O artesanato, a arte e a *phýsis* são modos de trazer à presença.

Assim, técnica e sair do oculto vem a ser o mesmo, uma vez que no sair do oculto se fundamenta todo o trazer à presença. O trazer à presença, por sua vez, coliga em si todo os modos de ocasionar – a causalidade - fazendo-se valer sobre eles. O filósofo alemão detalha esse ponto da seguinte maneira:

A região da causalidade pertencem fim e meio, pertence o instrumental. O instru-

⁵Tradução feita livremente da versão em espanhol, La pregunta por la técnica in: “Introducción a la metafísica”. (Buenos Aires, Editorial Nova, 1956).

mental é considerado o traço fundamental da técnica. Se nos perguntarmos passo a passo o que é propriamente a técnica representada como meio, chegaremos ao sair do oculto. Nele descansa a possibilidade de toda a elaboração produtora. (HEIDEGGER, 1956, p. 15).

Sendo a técnica mais do que um meio, mas um modo de sair do oculto, abre-se uma região do desocultamento, ou seja, da verdade na essência da técnica. Esta última, procede da palavra grega *téchne*, que por sua vez, designa mais do que um meio ou um saber fazer do artesanato manual, sendo também arte. “A *téchne* pertence ao trazer à presença, à *poiésis*, é algo poiético” (HEIDEGGER, 1956, p. 15).

A palavra *téchne* está de acordo com a palavra *episteme*, desde a época de Platão. Essas duas palavras referem-se ao conhecer de um modo amplo, constituindo-se em um sair do oculto. Dessa forma, a *téchne* está aonde acontece a *alétheia*, a verdade. No entanto, a determinação da região da técnica, que é válida para o pensamento grego e é adequada ao artesanato manual, não se adequa à técnica moderna. O que, justamente leva à pergunta por ela. Nesse sentido, o que se altera na época moderna?

A técnica moderna também é um fazer sair do oculto. Mas o é de um modo diferente. Trata-se de um modo de “provocação do ente no seu todo”, resume Loparic. (LOPARIC, 1996, p. 127). Por outras palavras “o fazer sair do oculto que prevalece na técnica moderna é uma provocação que põe diante à natureza a exigência de fornecer energia que como tal possa ser extraída e armazenada”. (HEIDEGGER, 1956, p. 17). Diferentemente, por exemplo, da relação entre

o moinho de vento e a natureza, cujas pás dependem do vento para porem-se em movimento. Não há, portanto, nesse processo nenhuma forma de armazenamento.

O sair do oculto da técnica moderna caracteriza-se por constantear, no sentido da provocação. “A energia oculta da natureza é tirada à luz, ao tirado à luz se transforma, o transformado é armazenado, o armazenado é distribuído e o distribuído é novamente comutado” (HEIDEGGER, 1956, p. 18). Há um direcionamento nesses modos de sair do oculto, bem como sua securitização. Aliás essa direção e essa securitização são traços fundamentais desse modo de sair do oculto que provoca.

A pergunta posta pelo filósofo alemão, agora é “que classe de estado de desocultamento é próprio daquilo que advém do constantear que provoca?” (HEIDEGGER, 1956, p. 19). O próprio o chama de subsistências, significando, porém, algo mais do que simplesmente reserva. “Caracteriza nada menos que o modo como está presente tudo o que é concernido pelo fazer sair do oculto. O que está no sentido de subsistência já não está diante de nós como objeto” (HEIDEGGER, 1956, p. 19).

Quanto a isso, Heidegger pontua o caráter de falta de autonomia da máquina, nos termos da subsistência. Porque seu posto depende d’o solicitar suscetível de ser solicitado” (HEIDEGGER, 1956, p. 19). Nesse ponto, começa a ter lugar o estar do homem em meio a esse provocar solicitador e, com isso, alguns aspectos referentes à situação da ciência em termos de modo de fazer sair do oculto.

O homem, porém, esclarece o pensador alemão, nunca se converterá em mera subsistência no sentido referido. Isso porque o

homem, ao impulsionar a técnica, já é uma parte do solicitar como modo de fazer sair do oculto. O estado de desocultamento em si não é artefato do homem. Da mesma maneira, continua Heidegger, não é artefato do homem a região a qual está atravessando quando, enquanto sujeito, ele se refere a um objeto.

Quanto a isso, Heidegger desvia do homem a responsabilidade e, assim, chega mesmo a cancelar a possibilidade de sua capacidade para tanto, de enxergar a própria natureza como um objeto de análise. Nas palavras de Heidegger:

Assim, pois, quando o homem, investigando, contemplando, vai ao encontro da Natureza como uma zona de seu representar, está já sob a apelação do modo de um fazer sair do oculto que o provoca a abordar a natureza como um objeto de investigação, até que inclusive o objeto desaparece na não-objetualidade das subsistências. (HEIDEGGER, 1956, p. 21)

Mas, então, o que provoca o solicitar do homem no sentido da apreensão do real e do efetivo por este enquanto subsistência? Trata-se do que foi nomeado por Heidegger como *Gestell* e que aqui será chamado de armação, conforme a tradução utilizada por Loparic. Também é deste autor a tradução para esse conceito de Heidegger: “A armação é a reunificação de uma alocação que coloca o homem na posição de desocultar o efetivo à maneira de instalação do constanteado” (Heidegger in LOPARIC, 1996, p. 128). Por outras palavras, a armação é o modo de sair do oculto que impera na essência da técnica moderna. O que não significa, por exemplo, que esse modo seja de alguma forma técnico.

Com o conceito de armação, Heidegger, ao fazer ver a totalidade do seu alcance, chega à questão da ciência moderna. E isso de forma a propor que o colocar na armação não é apenas o provocar, mas o colocar no sentido *poiético*, em termos do trazer à presença. Dessa forma, insiste no fato de que o estado de desocultamento, consoante ao trabalho da técnica moderna, traz à presença o real e o efetivo na condição de subsistência. Com isso, Heidegger invalida a definição antropológica da técnica, uma vez que não se trata de um fazer do homem, mas de algo o arrasta a esse agir.

Em seguida, Heidegger admite que o desenvolvimento da técnica moderna só tenha sido possível aliada à ciência natural exata da época moderna. Com isso, o filósofo chega a uma compreensão do que seja a ciência moderna. Nesses termos, há o entendimento de que a física moderna, em consonância com a armação, vê a natureza como “algo constatável por meio de um cômputo e que siga sendo solicitável como um sistema de informações” (HEIDEGGER, 1956, p. 25). Dessa maneira, Heidegger associa a ciência moderna tal como ela se apresenta ao pensamento original grego, por meio da *téchne*. Loparic esclarece, resumidamente, esse ponto da seguinte maneira:

Agora, Heidegger sabe também como determinar com precisão a relação entre o saber científico e a técnica. Não foi a matematização da natureza que gerou a técnica. Embora preceda historicamente o desenvolvimento desta, a ciência matematizada já, ao nascer, estava no campo de força da essência da técnica, que existe desde a Grécia. O pensamento representacional da ciência não é o lugar

originário da verdade do ser, ele é apenas um modo epocal [‘moderno’] do desocultamento do ser como presença constante, constanteada, que já foi prenunciado na *téchne* dos gregos. (LOPARIC, 1996, p. 128)

Heidegger ainda ressalta que a aparência de que a técnica moderna seja ciência moderna pode continuar impondo-se caso não se pergunte pela essência da técnica, que é a armação. Essência essa que não é técnica, nem maquinal e que só pode ser vislumbrada, invariavelmente de maneira tardia. Isso sob pena que o próprio homem não venha a ser ele próprio armazenável, solicitável apenas enquanto subsistência pelo solicitar da armação e, com isso, encontre o perigo dos perigos. Perigo esse que pode significar o fim do próprio homem.

“Mas onde há o perigo, cresce também o que salva”, sugere o poema de Hölderlin citado por Heidegger (Hölderlin *in* HEIDEGGER, 1956, p. 36). Nesse contexto, o perigo apontado anteriormente pode indicar a importância de que se chegue à essência da técnica, por uma das duas vias sugeridas pelo filósofo alemão: “como a essência da técnica não é nada técnico, a meditação essencial sobre a técnica e a confrontação decisiva com ela tem que acontecer em uma região que, por uma parte, está próximo à essência da técnica e, por outro, não obstante, seja fundamentalmente distinta desta” (HEIDEGGER, 1956, p. 37). Trata-se da arte, cuja meditação se tornará ainda mais misteriosa, quanto mais interrogativa for a atitude de quem pense a essência da técnica.

Ao final da apresentação deste importante texto de Heidegger sobre a questão da técnica, pode-se dizer mais sobre as diferentes

relações entre as implicações da técnica com o pensamento comunicacional, conforme as compreenderam Martino e Rüdiger. Do primeiro, parte uma abordagem instrumental a respeito da mesma enquanto que, o segundo, refere-se mais ao seu caráter essencial.

É a possibilidade de concretização de, ao menos, essa reflexão do filósofo alemão a que Rüdiger, em sua apresentação no II Seminário Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação, parece fazer referência. Afinal essa leitura da questão da técnica permite a proposição de que a cibernética da cultura tornar tudo representação, tudo como algo acessível enquanto informação, por exemplo.

Isso pôde ser observado com a solicitação da Natureza, provocada pela armação, pela ciências exatas desde a época moderna. Assim, tanto o sujeito e, concomitantemente, o objeto são figuras que não coincidem mais com suas próprias origens de formulação desde então, de acordo com Heidegger. E isso na medida em que a natureza, de acordo com o filósofo alemão, tornou-se passível de ser apreensível enquanto subsistência, não sendo mais identificada com objeto.

Atualmente, pode-se transpor esse quadro frente à cibercultura. Aqui, sujeito e objeto confundem-se em um fluxo de informações, desaparecendo no horizonte do pensamento, pondo-o, com isso, em questão. Talvez a única forma de tentativa de apreensão efetiva de sujeito e objeto configura-se hoje apenas em termos de representação.

Conforme já foi ilustrado, o interesse em torno da temática do objeto(s) de pesquisa no campo de estudos da comunicação é uma constante. Pode-se dizer, com isso, que a verificação das condições da nomeação de um objeto nesse sentido tem pertinência. E ,

ainda, que a questão da técnica, e sua relação com a emergência da cibercultura, oferece uma possibilidade de reflexão, como indica Rüdiger.

Uma investigação que delineie os contornos da cibercultura, além de explicitar os termos de relação desta para com a comunicação configura uma rota pertinente para a renovação abrangente das questões recorrentes ao campo de estudos da comunicação.

Referências bibliográficas

HEIDEGGER, Martin. *Introducción a la metafísica*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1956.

LOPARIC, Zeljko. Heidegger e a pergunta pela técnica in: *Cadernos de História e Filosofia das Ciências* (Unicamp), Série 3, vol. 6, n. 2, p. 107-138., jul.-dez. 1996.

NEIVA Jr., Eduardo. *Comunicação: teoria e prática social*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

RÜDIGER, Francisco. *Capítulos de Arqueologia Espiritual Pós-moderna*. 2002.